

(RE)FORÇANDO IDENTIDADES: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO DE TEXTOS JORNALÍSTICOS PARA UMA TURMA DO PRIMEIRO ANO DO ENSINO MÉDIO

Victor Hugo Mendes da Silva Pereira (UVA)

victor.hugo.msperreira@gmail.com

Claudia Cristina Mendes Giesel (UVA)

Larissa Portella Santos (UVA)

RESUMO

Ao entender o contexto escolar como uma forma de inserção dos indivíduos em futuras discussões necessárias para uma atuação plena em sociedade, a escola se compromete com mais do que fazer o aluno aprender a ler, escrever, aplicar fórmulas e decorar datas históricas. Portanto, admitindo ao ensino uma proposta social, pretende-se com as aulas incentivar respostas para possíveis situações, as quais os alunos enfrentarão. Dessa forma, a criticidade se configura como uma das questões mais urgentes a serem trabalhadas em sala de aula, visto que a mídia como se apresenta busca meios para manipular as verdades e opiniões geradas por ela, com base em concepções sociais de raça, gênero e classe, influenciando diretamente na construção de identidade de adolescentes. Apontada tal problemática, a pesquisa em questão tem como objetivo aplicar os estudos de Análise Crítica do Discurso de Van Dijk em uma turma do 1º ano do Ensino Médio e coletar resultados a fim de constatar a efetividade da proposta e argumentar a respeito do incentivo ao pensamento e leitura crítica em sala de aula.

Palavras-chave:

Notícia. Leitura Crítica. Textos Jornalísticos.

Van Dijk. Análise Crítica do Discurso.

1. Introdução

Como é de comum acordo para grande parte da sociedade contemporânea, as diferentes formas de mídia possuem determinante influência na vida social dos grupos que nelas se informam. Torna-se, portanto, seguro afirmar que estes meios de comunicação têm uma inegável importância na formação de opiniões e concepções de mundo. Estar sempre atento a quais são os interesses ocultos por trás das grandes empresas difusoras de informação e das formas como elas noticiam suas reportagens se torna necessário.

Esta é parte da tarefa da Análise Crítica do Discurso. Van Dijk (2008) afirma que as pessoas, em geral, tomam como base o discurso da mídia para suas conversações cotidianas, utilizando-a como referência para seu processo de formação de opinião do Outro. Conforme será dis-

cutido com detalhamento mais a frente, Charaudeau (2015) confirma o fato de que os meios de comunicação influenciam no processo de formação de identidade, já que define esse processo como a percepção das diferenças entre si e o Outro. Se sua opinião sobre o Outro pode ser influenciada, sua própria identidade também o pode.

O objetivo do presente projeto, sendo oriundo da Residência Pedagógica pela Universidade Veiga de Almeida, é levar a consciência para alunos do primeiro ano do Ensino Médio em uma escola da rede estadual de ensino público. Pretende-se que, através de conhecimentos, conceitos e práticas básicas da ACD, os alunos se tornem capazes de identificar, no seu dia a dia, tentativas da mídia de manipular suas opiniões. A partir desta capacidade, espera-se que os alunos consigam tomar de volta para si seus respectivos processos de construção identitária. Ao final da aplicação deste projeto, serão estudadas as análises feitas pelos alunos, buscando concluir se, de fato, houve uma real contribuição para que os alunos desenvolvessem uma visão mais crítica com relação à mídia, tornando a proposta didática válida ou não.

2. *Análise do Discurso X Gênero: notícia*

Na década de 60, iniciaram-se os estudos da língua para além dela mesma. Suas estruturas e nomenclaturas não eram mais suficientes para a necessidade acadêmica e entrou na discussão o funcionamento da linguagem em uso, onde se introduzem componentes pragmáticos e entende-se que existe uma dimensão social influenciando e determinando as relações da língua, como alega Melo (2009).

Segundo Melo (2009), as definições de discurso foram discutidas por diferentes filósofos e englobadas em quatro perspectivas: a estruturalista que é resumida como um conglomerado de palavras; para Pêcheux, uma forma de materialização ideológica; para Fairclough, uma prática social reprodutora e transformadora de realidades sociais; por último, para Maingueneau, que entende discurso como uma dispersão de textos. O interessante para a presente pesquisa é admitir a visão de Fairclough, pois o autor defende que o sujeito sofre, sim, interferências das pirâmides sociais. Melo (2009) discute:

Fairclough (2001) entende discurso como uma prática social reprodutora e transformadora de realidades sociais e o sujeito da linguagem, a partir de uma perspectiva psicossocial, tanto propenso ao moldamento ideológico e linguístico quanto agindo como transformador de suas próprias práticas discursi-

vas, contestando e reestruturando a dominação e as formações ideológicas socialmente empreendidas em seus discursos; ora ele se conforma às formações discursivas/sociais que o compõem, ora resiste a elas, ressignificando-as, reconfigurando-as. Desse modo, a língua é uma atividade dialética que molda a sociedade e é moldada por ela; (MELO, 2009, p. 3)

Sendo assim, a visão de Fairclough discute o poder que o discurso carrega, pois o mesmo é capaz de moldar e transformar, ao mesmo tempo em que é reflexo de uma realidade e expõe suas relações, conexões e preconceitos. Portanto, o sujeito enunciativo tem sua opinião e linguagem moldada por outros discursos, além de os moldar com a sua própria, sendo os discursos construídos com base na sociedade em que estão inseridos.

A Análise Crítica do Discurso tem como objetivo entender a relação que todo discurso proferido tem com a realidade em que está inserido. Como Melo (2009) exemplificou: “o objeto de estudo de qualquer análise do discurso não se trata tão somente da língua, mas o que há por meio dela: relações de poder, institucionalização de identidades sociais, processos de inconsciência ideológica, enfim, diversas manifestações humanas”.

Van Dijk, em suas pesquisas sobre Análise do Discurso, discorreu sobre a exclusão de grupos não privilegiados em círculos de poder, “ele se preocupou em detectar como quem não participava de circuitos de poder tinha acesso a esses circuitos através da linguagem” (MELO, 2009). A vertente de Van Dijk estudou a interação das classes desprivilegiadas com os textos jornalísticos, que falam deles, enquanto deveriam falar para eles.

Por exemplo, é possível perceber como um grupo social desprestigiado adentra no domínio discursivo do jornal através desses dois mecanismos: no primeiro, como os jornalistas usam o discurso de tal grupo – quando o reporta e entrevista – e no segundo, como o texto criado no jornal constrói a imagem desse grupo através de predicções, ou seja, como esse grupo é comentado. Na primeira situação o acesso é direto na segunda indireto. As duas são formas de manipulação discursiva. (MELO, 2009, p. 12)

Van Dijk defendeu que a Análise do Discurso na notícia deve ser feita por dois patamares: primeiramente, como textual, onde se buscará “[...] ressaltar as diferentes estruturas do discurso jornalístico nos mais diversos níveis” (FERREIRA, 2003). Portanto, esse primeiro momento tem como objetivo ler e interpretar a linguagem por si só: as expressões escolhidas, os substantivos mencionados. Em seguida, encontra-se o

segundo patamar de análise: o contextual, que “[...] destaca os fatores cognitivos e sociais, as condições, os limites ou as consequências destas estruturas textuais e de forma indireta, seu contexto econômico, cultural e histórico”. Então, para finalizar a análise, Van Dijk sugere relacionar o linguístico com o contexto e entender em qual cenário as palavras foram aplicadas, por que foram aplicadas e quais signos foram negados ao escolherem aqueles.

A proposta de Van Dijk em considerar a notícia como uma forma específica de discurso e, portanto, como um tipo específico de prática social permite com que ela seja estudada de uma forma mais explícita e sistemática. Segundo Teun van Dijk, a maior parte dos estudos acerca da notícia se concentrou em um tipo de contexto: o contexto sócio-econômico. Van Dijk propõe ocupar um espaço não abordado sob os pontos de vista citados anteriormente. Este novo espaço ele chama de interface sócio-cognitiva que se situa entre o texto e os contextos sócio-econômicos. Esta interface é o meio pelo qual os produtores e usuários da notícia participam do processo de comunicação. (FERREIRA, 2003, p. 270)

A proposta do filósofo permite abordar todas as estruturas da notícia: macro e micro, denominadas por ele como coerência discursiva local e global. Para tal, Van Dijk recorre à sintaxe e à semântica. A primeira tem como objetivo a descrição da construção de orações e a segunda busca o significado das mesmas orações, palavras e/ou discurso, buscando sempre a relação entre os significados linguísticos e os fatos referidos. Enquanto “o recurso da pragmática, na análise dos atos de linguagem, vai evidenciar que tais atos são de cunho social, representam determinada sentença em relação a uma situação específica” (FERREIRA, 2003).

A análise também deve ser feita pela construção da notícia, como Ferreira (2003) expõe: “Os jornais podem exprimir e atribuir uma hierarquia temática por meio das partes que compõem a notícia (manchete, título, subtítulo, olho, legenda...), a relação acerca da causa, situação, consequência... do tema ou assunto em questão”. Por isso, analisar o discurso impregnado na notícia se sobrepõe apenas à sua leitura e interpretação do texto: é preciso atentar-se a cada escolha lexical, aos assuntos abordados, ao contexto sócio-histórico em que a notícia foi divulgada e a ordem preterida dos assuntos.

3. Construção identitária

As notícias jornalísticas possuem, portanto, grande influência na vida da sociedade e, conseqüentemente, na forma como os leitores enxergam o mundo. Segundo Pereira (2008, p. 6), a identidade de um indivíduo “[...] se estabelece principalmente por meio de diferenças [...]”, como corrobora Charaudeau (2015), ao afirmar que: “A percepção da diferença do outro constitui, antes de mais nada, a prova da própria identidade”. Desta forma, podemos afirmar que a forma como um indivíduo enxerga o outro, isto é, aquele que é diferente de si, é crucial para seu processo de formação identitária.

Os dois textos acima citados ainda trazem mais algumas contribuições muito importantes para a questão identitária que será abordada neste trabalho. Primeiramente, é importante notar que, conforme afirma Pereira (2008, p. 7), “[...] tanto a identidade quanto a diferença são atos de criação linguística, ou seja, são criaturas do mundo social produzidas ativamente no discurso, em textos e interações”. Parece-nos seguro afirmar que, se a identidade é construída a partir da consciência da diferenciação de si para com o outro e esta diferenciação é produzida a partir dos processos de interação discursiva, a manipulação da construção identitária, tanto do indivíduo quanto do grupo, ocorre através da manipulação do imaginário social.

Esse encontro de si com o outro se realiza não apenas por meio de ações que os indivíduos praticam na vida em sociedade, mas também por meio de seus julgamentos sobre a legitimidade dessas ações, de si e dos outros, isto é, por meio de suas *representações*. Essas representações evidenciam imaginários coletivos que são produzidos pelos indivíduos que vivem em sociedade, imaginários esses que manifestam, por sua vez, valores por eles compartilhados, nos quais eles se reconhecem e que constituem sua memória identitária. (CHARAUDEAU, 2015)

Desta forma, podemos compreender que o imaginário social, ou imaginário coletivo, é a forma como determinado grupo interpreta determinado tipo de ação, de acordo com suas representações. Seguindo esta linha de raciocínio, caso a mídia consiga manipular a forma como seu grupo de leitores enxerga os acontecimentos cotidianos noticiados, pode direcionar a forma como esses mesmos leitores enxergam a diferença entre si e o outro. Naturalmente, se os indivíduos enxergarem o outro de forma diferente, também terão suas próprias identidades devidamente manipuladas.

É importante notar, ainda de acordo com o pensamento de Charraud (2015), que existem quatro tipos de reações possíveis quando um grupo social encontra outro, diferente de si. Essas reações são as seguintes: (1) o grupo fecha-se dentro de si, sentindo que sua identidade própria está ameaçada pela diferença do outro, excluindo, portanto, toda possibilidade de contato, ocasionando os diversos tipos de preconceito e exclusões sociais existentes; (2) o grupo abre-se para o diferente e o abraça, assimilando-o ou sendo por ele assimilado, causando a falência de partes de uma identidade grupal em prol da outra; (3) o grupo ataca e procura dominar o outro, o que ocasiona a extinção do diferente e a sua obrigatoriedade em entrar nos padrões do grupo dominante; e (4) os grupos se unem, coexistindo e misturando suas particularidades em prol de uma característica maior que os una e funcione como um elo, propiciando uma mistura harmônica.

Por fim, a manipulação social midiática, se feita de forma competente, pode, ao transmitir suas ideologias, levar os grupos sociais a uma ou outra reação. Corroborando com nosso pensamento, Pereira (2008, p. 8) afirma que “[...] Van Dijk atribui à imprensa um controle quase exclusivo sobre os recursos simbólicos com as quais se produz consenso popular [...]” e, ainda antes disso, explica brevemente como essa manipulação se dá, ao declarar que “[...] é relevante examinar a relação entre imprensa e minorias, seja pelo baixo número de notícias sobre as minorias no conteúdo das notícias, seja pelo viés desfavorável de muitas delas” (PEREIRA, 2008, p. 7). Desta forma, pode-se tanto invisibilizar os grupos menos prestigiados socialmente quanto definir de que forma os outros grupos os verão, através de suas representações e imaginários sociais, sendo estes implicitamente direcionados pela própria mídia.

Após exposta tal discussão, é possível provar as tentativas de manipulação da mídia para o imaginário social, além de seu controle unilateral das concepções de identidade. Vista a importância do desenvolvimento e da discussão que alunos do Ensino Médio estão passando, ter suas identidades determinadas por outrem pode ocasionar em problemas sociais e particulares. De tal forma, identificar as ideologias, interpretar seu contexto, ler suas intenções e estar ciente dos motivos por trás de cada enunciado noticiado pode tornar os alunos críticos e questionadores do mundo em que estão inseridos. Por isso, a relevância do projeto proposto se configura como social, pois será possível afetar as atitudes de futuros cidadãos inscritos em uma sociedade democrática.

4. Metodologia

Para a realização da análise dos dados coletados, será usada a linha de teoria de Teun Van Dijk sobre a Análise do Discurso, que entende a exclusão de grupos minoritários por parte da difusão de notícias nos maiores veículos de informação. Além da exclusão, a grande mídia também perpassa estereótipos que influenciam diretamente a construção de opiniões da população que busca tais meios como fonte de informação. Portanto, o corpus se dará ao analisar qualitativa e quantitativamente as análises propostas aos alunos das notícias digitais selecionadas.

Parece importante, nesse ponto do projeto de pesquisa, detalhar como se dará a parte prática, isto é, a aplicação em sala de aula, que será a coleta de dados. Como já dito anteriormente, pretende-se ensinar aos alunos conceitos teóricos e práticos básicos da análise do discurso, usando textos jornalísticos para tal. Portanto, os textos escolhidos para serem utilizados como exemplo durante as explicações foram textos retirados da internet, de páginas que compõem a grande mídia.

As notícias, então, foram apresentadas aos alunos em um retroprojetor. A aula foi iniciada com explicações sobre o que é a Análise Crítica do Discurso, e com exemplos de como a mudança de uma única palavra em frases semelhantes poderia trazer uma conotação totalmente diferente ao que se estava sendo dito. Após isso, foram expostas duas das notícias escolhidas e foi requerido que os alunos dissessem suas opiniões sobre que termos, nos textos expostos, demonstravam questões ideológicas ocultas e quais ideologias estariam sendo veiculadas. Depois disso, foram entregues aos alunos folhas de exercício contendo outra notícia, que os alunos, em dupla ou individualmente, deveriam analisar durante o restante da aula.

A análise passada aos alunos teve viés lexical, ao questionar a escolha dos signos dos redatores e foi proposta uma discussão sobre as possíveis conseqüências (negativas ou positivas) de tal decisão, abordando, também, outras possíveis escolhas lexicais, que poderiam silenciar a ideologia perpassada. Além da observação lexical, os alunos foram levados a pensar sobre o contexto social, Com o propósito de desenvolver nos estudantes o entendimento social do recorte histórico em que a notícia está inserida. Vale notar que a principal ideia do trabalho foi trabalhar com a capacidade analítica dos estudantes, e não com a capacidade dos mesmos de escrever de acordo com a norma gramatical. As notas recebidas pelos alunos foram, também, influenciadas por esses fatores, mas,

neste artigo, questões relacionadas a desvios gramaticais não serão abordados.

Em suma, a presente pesquisa teve como principal objetivo a análise de textos redigidos por alunos do primeiro ano do Ensino Médio de uma escola pública da cidade do Rio de Janeiro. Estes textos, como já dito anteriormente, foram frutos de uma proposta de implementação da Análise Crítica do Discurso no contexto escolar, levando os estudantes a questionarem os discursos tidos como dominantes na sociedade.

5. *Análise de Dados*

Iniciaremos esta parte do texto apresentando a parte quantitativa da análise dos dados coletados. Como já dito anteriormente, o trabalho requerido dos alunos deveria ser feito em duplas. Alguns alunos, porém, preferiram fazê-lo por conta própria, o que foi permitido. No total, 29 trabalhos foram entregues, sendo, destes, 16 trabalhos individuais e 13 em duplas, tendo o projeto, portanto, alcançado um total de 42 alunos, que eram provenientes de duas turmas diferentes. A aula ministrada teve dois tempos de duração, o que resulta em cerca de uma hora e quarenta minutos de duração para cada turma, contando, nessa duração, a explicação, aplicação dos exercícios e o tempo necessário para que os alunos o fizessem.

O texto jornalístico que foi escolhido para ser analisado pelos alunos tratava de um caso em que um motorista de *uber* ofereceu à sua passageira balas e água. A mulher foi encontrada, mais tarde, desacordada e nua em um terreno baldio. A ideia da atividade era que os alunos, em duplas ou individualmente, lessem a notícia em questão e tentassem analisar se a forma como o fato ocorrido foi noticiado demonstrava, ou não, sinais de uma ideologia sendo veiculada e qual seria essa ideologia. Será disponibilizada, na parte de anexos deste trabalho, uma imagem da folha que os estudantes receberam.

Podemos, de início, medir parcialmente a eficácia da aula ministrada ao olharmos números provenientes que fizemos ao texto entregue pelos alunos. Desprezando-se questões gramaticais, ortográficas e estilísticas, podemos dizer que, dos 29 trabalhos entregues, 14 cumpriram com a ideia do que foi pedido deles. Vale notar que não estamos, neste momento, julgando a qualidade do trabalho produzido pelos estudantes, apenas enumerando quantos textos seguiram uma linha analítica, cujo

pensamento se assemelha aos conceitos da Análise Crítica do Discurso que foram apresentados a eles.

O número acima descrito representa, aproximadamente, 48% do número total de trabalhos entregues. Considerando o fato de o número total ter sido ímpar, podemos afirmar que metade dos textos produzidos durante a aula ministrada seguiram a ideia pedida, usando os conceitos apresentados da Análise Crítica do Discurso para guiar a produção textual.

6. Considerações finais

Ao considerar a complexidade da abordagem da Análise Crítica do Discurso, poder recolher dados de 48% aproveitados dentro da proposta, em uma sala de aula do ensino médio, após os alunos terem o primeiro e breve contato com os conceitos teóricos; o número encontrado expressa-se como proveitoso e de acréscimo para a argumentação apresentada. Pois, se o número não chegou à metade do total, os alunos carecem de maior proximidade com o tema sugerido. Porém, se alcançaram quase essa metade, a demonstração de capacidade e habilidade para inserção das discussões em seu conteúdo programático se confirma.

A presente pesquisa atesta a efetividade da proposta de sequência didática e confere a sugestão de maiores abordagens, vista graças ao referencial teórico exposto, a urgência de capacitar os alunos em análise de textos diversos, uma vez configurada sua presença em uma sociedade baseada em circulação de ideologias através dos discursos. Ademais da interferência dos mesmos discursos na formação da concepção de individualidade de cada um deles.

Os princípios da Análise Crítica do Discurso contribuem para a formação de críticos em um contexto que carece de criticidade, além do incentivo à percepção livre de ideologias de expressões sociais, as suas próprias e as externas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, V. R. *et al.* Estudantes da UFSM: Consumo de Mídia e Representações Sociais e Mídiaáticas. In: Intercom Jr., 2015, Rio de Janeiro. XXXVIII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2015.

CALDAS, G. Mídia, escola e leitura crítica do mundo. In: *Educ. Soc., Campinas*, vol. 27, n. 94, p. 117-30, jan./abr. 2006.

CHARAUDEAU, P. Identidade Linguística, identidade cultural: uma relação paradoxal. In: *Discurso e (des)igualdade social*. LARA, Glaucia Proença (org.); LIMBERTI, Rita Pacheco (Org.). São Paulo, Contexto, 2015. Disponível em: <<https://bv4.digitalpages.com.br/?5from=&page=4§ion=0#/edicao/9788572448895>>

DIJK, T. A. V. Discurso e Poder. Contexto, 2008, pp.: 113-196. Disponível em: <https://bv4.digitalpages.com.br/?_1from=&page=6§ion=0#/edicao/9788572444064>

FERREIRA, G. M. Contribuições da análise do discurso ao estudo de jornalismo. In: FRANÇA, V; WEBER, M.; PAIVA, R.; SOVIK, L. (Org.). *Livro do XI Compós 2002: estudos de comunicação*. Porto Alegre: Sulinas, 2003. p. 263-82

GREGOLIN, M. R. F. V. Análise do Discurso e mídia: a (re)produção de identidades. In: *Comunicação, Mídia e Consumo*, São Paulo, vol. 4, n. 11, p. 11-25, nov. 2007.

MAGALHÃES, C. M. Interdiscursividade e conflito entre discursos sobre raça em um jornal brasileiro. In: *Linguagem em (Dis)curso (Impresso)*, Santa Catarina, v. 4, n. Especial, p. 35-60, 2004.

MELO, I. F. Análise do Discurso e Análise Crítica do Discurso: desdobramentos e intersecções. In: *Letra Magna*, v. I, p. 1-2, 2009.

MENDES, E. Análise do discurso na abordagem do jornal em sala de aula. In: *Programa de Desenvolvimento Educacional – SEED, UNICENTRO*, 2007. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/908-4.pdf>>

PEREIRA, I. O discurso midiático e a produção de identidade social. In: *III Seminário Internacional Organizações e Sociedade*, PUCRS, 2008. Disponível em: <http://projeto.unisinos.br/midiaticom/conteudo/artigos/2007/artigos_externos/Artigo_IlidioPereira.pdf>